

EROS E PSIQUÊ: OS VESTÍGIOS DAS VOZES INCONSCIENTES NA JORNADA PELA TRANSCENDÊNCIA

SILVA, Sérgio Alves (Psicologia/UNIBRASIL)

Orientador: RANZI, Caetano Fischer (Psicologia\UNIBRASIL)

O mito de Eros e Psiquê é de grande importância na exemplificação do inconsciente coletivo, surgindo na Grécia antiga se estendeu pelo mundo e pelos séculos. A importância de se aprofundar na pesquisa deste mito e trazer alguns questionamentos à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung é vital para criar novas perspectivas dos processos que o envolvem. Buscou-se abordar neste artigo a problemática do simbólico diante das "vozes inconscientes" e da urgência da transcendência como pedra fundamental para o que Jung define como individuação. É ainda imperioso ressaltar as perspectivas dos estudos míticos de Junito de Souza Brandão, os quais embasam os paralelos teóricos que serão apresentados tendo como metáfora central: as vozes inconscientes.

Palavras-chave: transcendência, símbolos, inconsciente.

Sob importantes pressupostos da obra de Carl Gustav Jung e Junito Brandão, buscou-se abordar nesta pesquisa os principais acontecimentos envolvidos no mito de Eros e Psiquê em que ambos são acometidos por "vozes inconscientes", relacionando-as simbolicamente com o processo da transcendência pelos quais passaram através de suas vivências, temores, desafios e transformações.

Tendo como metáfora norteadora o mito de Eros e Psiquê¹ procurou-se estabelecer um enlace através desta pesquisa entre a lenda e a abordagem analítica de Jung, sobretudo na concepção da transcendência.

Psiquê era tão arrebatadoramente bela, que os mortais, em lugar de pedi-la em casamento, adoravam-na como se fosse a própria Afrodite, cujos templos e culto, por isso mesmo, haviam sido esquecidos e abandonados. Psiquê se tornara a nova deusa do amor. A nova Afrodite! Era sob os traços humanos da jovem princesa que se procurava venerar a poderosa mãe de Eros. Considerando o conflito entre Afrodite e Psiquê numa disputa que tem como elementos a beleza e o orgulho divino *versus* a nobreza e a resiliência humana, constata-se uma pedra angular que sustenta a lenda: o amor de um Deus, Eros, dividido entre aquelas.

¹ BRANDÃO, Junito. Mitologia Grega, Vol. II. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1987.

Ao consultar o Oráculo sobre os acontecimentos futuros que envolveriam Psiquê, o rei confirma a tragédia que estaria por se consolidar². Tal revelação veio ao encontro dos desejos da ultrajada Afrodite que ordenou Eros a cumprir a previsão.

O Deus do amor falhou ao executar essa ordem, ao contrário, após ter se ferido com sua própria flecha, caiu de amores pela mortal e contou com a ajuda do vento, Zéfiro, para levar a amada para o seu palácio. Ainda enlutada pelo seu atroz destino revelado pelo oráculo, de ser tomada por esposa de um ser monstruoso, ao chegar ao castelo Psiquê se tranca no quarto à espera de ser desposada. Naquela noite da chegada da princesa ao vale dos encantos, Eros, sem se deixar ver, fez de Psiquê sua mulher, mas, antes do nascer do sol, desapareceu rápida e misteriosamente. Assim segue noite após outra de relação obscurecida pela falta de identidade do esposo.

Até o dia em que Psiquê, com permissão de Eros, visita as irmãs que ficam estarecidas com a situação e a instigam conhecer a identidade do esposo que até então se mantinha em completo mistério. É importante ressaltar que Psiquê já estava tomada de amores pelo desconhecido, potencialmente horrendo, que a tratava com imenso carinho e gentileza, isso só aumentou a vontade de descumprir a regra imposta pelo desconhecido amado: não ver o seu rosto jamais. Ela se confusa por pensar na imagem de um ser monstruoso e perigoso para ela e o filho que já estava, a essa altura, a caminho; determinada, numa noite Psiquê adentra o quarto de Eros com um punhal e lampião, avistando o rosto de Eros que dormia, viu a mais bela imagem que o amor já produziu. Naquele mesmo instante, tomada pela emoção, Psiquê derrama sobre ele óleo efervescente que enfurecido pela dor e pela cólera da transgressão, foge noite adentro, abandonando-a.

Ao saber da condição do filho e de tal desobediência no cumprimento da ordem, Afrodite lança seu furor sobre aquele que ousou trocar o amor materno pelo o de uma simples mortal, e tornou sua beleza divinal em algo desprezível diante da mortalidade; lançando mão de causar maior sofrimento àquela que a malogrou, irrompe em fúria quando Psiquê vem ao seu encontro pedir clemência para ter o bem amado de volta: dá-lhe uma surra, arranca-lhe cabelos, entrega à duas escravas, *Inquietação e Tristeza*, e em seguida lhe impõe as quatro célebres tarefas.

Idem.

No intuito de investigarmos o conceito das "vozes" que estão intrínsecas no mito e que guiaram nossos personagens, nos deparamos com algumas bem fascinantes. Como por exemplo, a "voz" do oráculo que tem uma importância significativa no desenrolar dos eventos, ao afirmar qual deveria ser o destino de Psiquê, essa "voz" que, embora se apresente como conteúdo externo, atravessa o consciente do Rei e toma um lugar preponderante no seu inconsciente. Todos os envolvidos são afetados em seus conteúdos psíquicos, sendo obrigados a abrir mão em algum momento daquilo que é de mais sagrado para si, de mais sublime que possuem.

Os personagens, Eros, Afrodite e Psiquê, não estiveram isentos destas vozes que se manifestaram, muitas vezes, sob o aspecto de angústia, da ansiedade, da inveja, do terror e de fracasso. No caso de Psiquê, se observa estas relações, inicialmente, a partir da angústia pela falta de um símbolo que representasse o amor, pois ainda que belíssima, não possuía um objeto amado. Depois de casada com o misterioso Eros, sua angústia se mantém por ter conquistado o objeto amado e ele se manter no anonimato para ela. Foi a partir de vozes externas³ (suas irmãs) que a levam em uma busca por conhecer a identidade desse objeto, vozes que a incitam acreditar que está sendo devorada noite após noite por um monstro que lhe devora a liberdade, vozes que a encoraja e a conduz a tentativa de morte daquele monstro misterioso que ela já amava⁴.

Mais tarde, Psiquê já abandonada e incumbida das tarefas da "Mãe de todos" para reconquistar o amor de Eros, se sente paralisada diante de tantos obstáculos. Porém, as "vozes" representadas nos simbolismos de cada ser e objeto que surgiram, convocaram-na a ir completando as tarefas, fazendo-a reconhecer os valores impostos a pagar pela sua ousadia. Aceitando ser guiada por tais vozes, Psiquê, pôde atacar seu algoz, Afrodite, onde esta mais se compadeceria: na conquista do amor de Eros.

Psiquê nos incita ao enfrentamento das vozes inconscientes, dolorosas e, ao mesmo tempo, à rendição, à da subversão à tais vozes. Afrodite, no entanto, se deixou dominar pela voz da arrogância no enfrentamento a Psiquê. Afrodite

³ FRANZ, Marie Louis V. Reflexões da Alma, Ed. Cultrix. São Paulo – SP, 1988.

imaginou que alguém estava ajudando Psiquê a ir transpondo os obstáculos na realização das tarefas, neste momento dá-se um vislumbre da angústia que dilacera sua esfera inconsciente, por imaginar que, imbuído de consolo e piedade, Eros está do lado da mortal.

Outra "voz" que podemos inferir como inquietadora do inconsciente de Afrodite é a do símbolo feminino, símbolo que une a deusa e a mortal num laço arquetípico. Tal laço, apesar de forte, não foi capaz de incutir piedade na Deusa ao ponto de interferir na práxis da outra. Psiquê, por outro lado, por pertencer à casta do feminino, transformou a relação mãe e filho.

Já Eros foi guiado pela "voz da negação", que o levou a descumprir as ordens da mãe e também a advertir a amada; Ele até então se mostrava por vezes como um *adolescente suave e meigo*, que não havia atentado para as próprias vozes do amor. Ao Abandonar Psiquê, ele 'retorna para a mãe', o que é simbolizado pelo cipreste, árvore da Grande Mãe, no qual pousa como pássaro, e também por sua volta à prisão, ao palácio de Afrodite. O deus do amor nos mostra que, em alguns casos, é preciso ouvir a voz da negação para que ela surta o seu efeito de proteger o ego; outras vezes, reconhecendo-se fraco e desorientado, o símbolo materno pode ser de grande valia.

Eros após ter seu amor malogrado, necessitou elaborar uma angústia atraída através da desobediência da esposa e ao mesmo tempo, sentir-se protegido visto que estava com o peito desfigurado. Possivelmente não tivesse compreendido os motivos que a levaram ao ato, porém há a "voz do desígnio" que está exultante e desejosa que Psiquê, a cada tarefa cumprida, se eleve ao nível dos deuses.

Cada personagem do mito, ao seu modo, atinge sua meta; cada um passa pelo processo da transcendência⁵, que acontece quando há contato entre o consciente e o inconsciente. Tal encontro, apesar de penoso, é revigorante e compensador; são levados pelo inconsciente a se relacionarem com a sombra, a qual nega inicialmente, mas que se torna maior do que suas vozes conscientes. As personagens concebem, no final, a ideia de que, ao ouvir as vozes do inconsciente, mesmo projetadas pelo mundo externo através das expressões de amor, ódio ou

⁵ JUNG, Carl G., A Natureza da Psique. Vol. VIII. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1971.

angústia, acabam por ter uma economia de energia psíquica por compreender que o inconsciente não erra jamais.

BRANDÃO, Junito. Mitologia Grega, Vol. II. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1987.

JUNG, Carl G., A Natureza da Psique. Vol. VIII. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1971.

_____, Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 2000.

FRANZ, Marie Louis V. Reflexões da Alma, Ed. Cultrix. São Paulo – SP, 1988.